



SBP de PA

Sociedade BRASILEIRA de
Psicanálise de Porto Alegre

Jornal da

Brasileira

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre V. 28 NÚMERO 02 - NOVEMBRO 2025



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL



Queridos leitores de nosso jornal, o tempo passa... Já estamos chegando ao final de nossa gestão (2024/2025) e este é o último jornal sob minha coordenação. Junto a uma comprometida comissão composta por Júlio Sperb, Fátima Fedrizzi, Nicole Campagnoli e Jeanete Sacchet, fizemos o percorrido às produções desses dois anos. Ao longo desse período, buscamos sempre trabalhar em grupo, atendendo às sugestões dos membros de nossa Sociedade, e nesta edição contemplamos o tema da Inteligência Artificial.

Procuramos fazer deste espaço não apenas um veículo de informação e comunicação, mas também um lugar de diálogo vivo e atual entre o pensamento psicanalítico, a cultura e a sociedade. Assim, a Inteligência Artificial, como assunto inovador, inquietante, que desperta curiosidade ao mesmo tempo que gera um certo desconforto e ceticismo em relação ao futuro da humanidade, tem nos convocado e desafiado ao pensamento sobre suas articulações com a Psicanálise. Haveria alguma aproximação possível entre ambas? Não podemos nos furtar da realidade que se impõe e tampouco retroceder diante do

avanço tecnológico. É uma vivência que atravessa nosso cotidiano, trazendo novas formas de se comunicar, pensar e de se relacionar. Abre-se um campo fértil de reflexão: como acolher o novo sem perder de vista a singularidade do humano? Como manter a importância do encontro entre as pessoas em evidência, quando as máquinas nos atropelam com sua agilidade e rapidez?

Convidamos a todos, nesta edição, a refletir sobre o lugar da psicanálise neste cenário de transformações.

Encerro este ciclo como Diretora de Publicações com gratidão a todos aqueles que enriqueceram este Jornal da Brasileira: autores, revisores e colegas de diretoria e principalmente a presença atenta de nossos leitores que nos acompanharam ao longo desses dois anos. O marco de passagem desta edição demonstra um trabalho realizado com dedicação, principalmente ao que está por vir, ao sempre em movimento, atualizando-se e recebendo o novo, num convite constante ao pensar psicanalítico.

Boa leitura!

Katya de Azevedo Araújo
Diretora de Publicações

EXPEDIENTE

Editora:

Katya de Azevedo Araújo

Conselho Editorial:

Fátima Tonolli Fedrizzi, Jeanete Sacchet, Júlio Sperb e Nicole Campagnolo

Assistente Editorial:

Lorraine Luz

Revisão de português:

Débora Jael

Diagramação:

Marcelo Pereira Teixeira

Capa:

Micaela Feijó Wünsch

Secretária:

Jamile Nogueira

DIRETORIA

Presidente:

Patrícia Rivoire Menelli Goldfeld

Vice-presidente:

Denise Zimpek Teixeira Pereira

Tesoureira:

Tamara Barcellos Ferreira

Diretora Administrativa:

Mara Loeni Horta Barbosa

Diretora Científica:

Janine Maria de Oliveira Severo

Diretora de Publicações:

Katya de Azevedo Araújo

Diretora de Divulgação:

Heloisa Zimmermann

Diretora de Comunidade e Cultura:

Rosa Beatriz Santoro Squeff

Diretor do Centro de Atendimento**Psicanalítico:**

José Ricardo Pinto de Abreu

INSTITUTO DE PSICANÁLISE

Diretora:

Vera Maria H. Pereira de Mello

Secretária:

Ana Rosa Chait Trachtenberg

Coordenadora da Comissão de Formação:

Cynara Cezar Kopittke

Coordenadora da Comissão de Seminários:

Silvia Stifelman Katz

Coordenadora da Comissão de Formação**Integrada em Psicanálise da Infância e da****Adolescência:**

Ester Malque Litvin

DIRETORIA DA AMI

Presidente:

Marcela Pohlmann

Vice-Presidente:

Nicole Campagnolo

Secretária:

Marta M. Stumpf

Tesoureiro:

Iuri Ismael P. Oliveira

Conselheira Egresso:

Aline Santos e Silva

Conselheira MI:

Vlória Zenkner Schmidt

Memórias e Arquivos da SBPdePA:

Jeanete Suzana Negretto Sacchet

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, fundada em 1992.

Praça Dr. Maurício Cardoso, 07, Moinhos de Vento CEP 90570-010 Porto Alegre – RS – Brasil
Tel. 55 51 3330-3845 / 3333-6857

www.sbpdepa.org.br

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPdePA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

Palavras da presidente



Estamos muito felizes com o sucesso da nossa Jornada, que foi um evento psicanalítico potente, de caráter inclusivo, que abordou alguns dos principais desenvolvimentos em psicanálise da atualidade: os achados da Escola de Psicossomática de Paris, com Diana Tabacof; as questões do trauma e racismo antinegros e antijudeus, com Emiliano Camargo e Ana Rosa Trachtenberg; do trauma nas sexualidades dissidentes, com Facundo Blestcher; e, para completar a metapsicologia do traumatismo, as ideias de Christophe Dejours. Também tivemos a participação massiva dos membros da nossa Sociedade, trazendo seus trabalhos sobre o tema do traumatismo, que contribuíram imensamente para a consistência da Jornada.

Dedico o meu profundo agradecimento à Janine Severo, nossa Diretora Científica, e a sua Comissão da Jornada pela competência, dedicação e zelo, aos quais se deve o sucesso da organização da Jornada. Também agradeço à equipe de funcionárias da SBPdePA, que foram impecáveis e fundamentais para o bom andamento dos trabalhos.

Por último, mas não menos importante, foi o papel dos colegas que deram cursos, que apresentaram mesas redondas, temas livres e àqueles que assistiram e participaram. A estes também agradeço.

Além de tudo isto, a Jornada ocorreu, como sempre, num clima afetivo e alegre, bem característico da nossa Brasileira. Porque estudar a psicanálise constitui um destino da pulsão nos membros da nossa Sociedade, e a troca com os colegas, um investimento de nossa libido objetal.

É importante salientar também que, na semana anterior à Jornada, tivemos a inauguração do busto de Freud no Parcão, que constitui uma conquista de nosso querido colega Gley de Pacheco Costa junto ao Vereador Idenir Cecchin e à Prefeitura de Porto Alegre. O evento foi realizado com a participação de inúmeros Membros da Brasileira, amigos e autoridades que, apesar do tempo chuvoso, estiveram lá prestigiando a homenagem à Freud. Esta estátua de Freud constitui-se numa dentre poucas no mundo inteiro e já se tornou um ponto turístico onde os psicanalistas se dirigem para tirar fotos com a figura do fundador da psicanálise.

No dia 3 de outubro, tivemos o evento científico do lançamento do Grupo de Estudos sobre Psicossomática Contemporânea, coordenado por 3 colegas que realizam Formação em Psicossomática na IPSO Paris: Ana Paula Terra Machado, Jussara Lerrer e esta que vos escreve. Temos a ideia de formar um grupo de estudos consistente e dedicado, para estabelecer o estudo e o desenvolvimento do tema na SBPdePA.

Três livros foram publicados pela Brasileira em 2025, editados pela Blucher, com lançamento no Congresso da FEBRAPS: *Cidades Alagadas, Mentos Inundadas*, que relata o que aprendemos sobre os atendimentos a pessoas afetadas pela enchente de 2024 e a experiência da Ação Emergencial, e *Prints da Adolescência*, que inclui artigos do curso sobre o tema realizado na Brasileira. O terceiro foi o livro do Projeto Ubuntu, organizado por Eliane Nogueira e Rosa Squeff, que transmite as trajetórias antirraciais no território psicanalítico.

Ainda outro livro está em andamento: *Mediações Terapêuticas e Psicose Infantil*, de Ane Brun.

Outro assunto que acho importante deixar registrado aqui no Jornal são as alterações climáticas em esfera global, que congregam os psicanalistas a esperar mais e mais eventos climáticos devastadores, necessitando da nossa intervenção extramuros. O aumento de 1,5 graus na temperatura média global, como disse Lara Lutzemberger no recente Terceiro Simpósio Integrado SBPDEPA, SPPA e SPPel, significa que a Terra está com febre. Isto quer dizer que as alterações climáticas se tornam imprevisíveis, como vimos nessa enchente aqui do Rio Grande do Sul, e também na Espanha, Itália, Áustria, Polônia, República Tcheca, Hungria, Indonésia, Afeganistão e Quênia.

Além das questões climáticas, houve um recrudescimento mundial da pulsão de morte. Estudos da Universidade de Uppsala, na Suécia, constatou cerca de 180 conflitos armados em curso no mundo, o maior número desde 1946, com o fim da Segunda Guerra Mundial. Foi observado um aumento significativo de conflitos entre Estados, sendo a maioria dos conflitos de natureza não internacional, como as guerras civis e a ascensão de grupos terroristas.

Freud, em *Esboço de Psicanálise* (1938/40), ao comparar a pulsão com os estímulos externos, afirmou que

ambos são capazes, quando excessivos, de destruir a organização estrutural e dinâmica característica do Eu/Ego e transformá-lo, mais uma vez, em uma parte do Isso/Id. Para ele, o enfraquecimento do eu e dos seus habituais mecanismos de defesa pode ativar as áreas psicóticas da personalidade e agravar ou criar sintomas incapacitantes. E acrescento, pode levar a uma desorganização progressiva da libido, podendo culminar até mesmo em doenças orgânicas graves.

Com essa perspectiva, creio que estamos no caminho adequado, porque nosso objeto de estudo e trabalho, a psicanálise, se constitui no instrumento mais poderoso para abordar o psiquismo humano, sendo o psiquismo o nosso bem mais precioso.

Com isso, desejo a todos uma boa leitura!

Patrícia Rivoire Menelli Goldfeld
Presidente

Entrevista

A psicanálise e a IA



Nesta edição, entrevistamos Júlio Sperb, psicanalista, médico e membro do Instituto da SBPdePA, que se interessa profundamente pelo tema da inteligência artificial e, a seguir, compartilha algumas reflexões.

Agradecemos a sua disponibilidade, Júlio. Para iniciar, considerando que muitos de nossos leitores não têm familiaridade com o tema, gostaríamos de começar com uma pergunta fundamental. De uma forma simples, o que é a Inteligência Artificial e como o seu funcionamento nos interessa, enquanto psicanalistas?

Júlio Sperb – Podemos pensar na Inteligência Artificial (IA) como a capacidade de sistemas computacionais de executar tarefas que são associadas tipicamente à inteligência humana, como aprender, raciocinar, resolver problemas e, algo crucial

a nós psicanalistas, usar a linguagem. Em vez de serem programados para uma única tarefa, com uma única finalidade, esses sistemas são “treinados” com uma quantidade colossal de dados — textos, imagens, sons, vídeos — e aprendem a identificar padrões e a criar respostas a partir deles, com o diferencial de incluir suas próprias conclusões como novos dados a serem considerados, evoluindo o seu “pensar” e aprendendo com a “experiência”. Penso que a nós, enquanto psi-

canalistas, o que interessa não é a tecnologia em si, mas o efeito dela na cultura e como incide sobre a subjetividade de cada um. É importan-

te estarmos atentos à proposta sedutora e falaciosa das IAs: a de uma existência completa, sem falhas, sem espaço para a falta. É aí que a psicanálise encontra um campo fértil para pensar a subjetividade hoje.

“É importante estarmos atentos à proposta sedutora e falaciosa das IAs.”

De onde surgiu o seu interesse por IA?

Sperb – Não consigo precisar um momento, mas posso dizer que sempre fui bastante curioso no geral. Antes da psicanálise, e antes ainda de cursar medicina, estudei por uns anos ciência da computação. Tinha bastante interesse na teoria de como as coisas funcionavam, e em entender como pensaram os pioneiros; teoria da computação é uma área fascinante. Acho que se somam aí questões existenciais clássicas, e outras nem tanto, que me perguntou desde muito jovem.

A psicanálise se fundamenta na ideia do inconsciente. Uma IA, que opera com base em algoritmos, poderia desenvolver algo análogo a um inconsciente? Pode a IA ser alguém?

Sperb – Essa pergunta é extremamente complexa. Vamos por partes. Se pensarmos a partir do inconsciente freudiano, devemos lembrar que ele não é um reserva-

tório de memórias ocultas ou um “defeito” a ser resolvido; ele é o efeito de uma história, de marcas realizadas em um corpo e de uma perda fundamental, não simboli- zável. Desde os textos pré-psica- nalíticos, Freud sempre enfatiza a importância do corpo; a própria pulsão é um conceito-limite entre o psíquico e o somático. Desta ma- neira, uma IA, por mais complexa que seja, carece da matéria-prim- a do inconsciente: não há corpo erógeno, história libidinal, nem ex- periência do de- sampo original. Seus conflitos são entraves lógicos, não o embate en- tre desejo e falta que nos constitui

sujeitos. Agora, você me pergun- ta se poderíamos pensar em algo análogo: talvez sim, depende do quanto vamos abstrair e divagar. Pode soar um tanto ficção científica, mas, se partirmos da premissa que somos “máquinas” e nosso corpo é nosso *hardware*, poderíamos especular. Se em algum nível desconhecido pela ciência formos regidos por uma lógica bio-físi- co-química análoga aos zeros e uns dos sistemas computacionais, bom, então talvez pudesse haver algo análogo ao inconsciente. Contudo, se nos permitirmos “via- jar” dessa maneira, precisaríamos descobrir qual é a “falta” que ha- bita a IA, qual é o seu vacilo fun- damental. Lacan nos diz que o sujeito não é uma substância, mas um efeito da linguagem — ele advém justamente na fenda, na falha entre um significante e outro. Tra- zendo para cá, não é “nos dados” que estaria esse análogo, mas em suas falhas, em seus intervalos. Como argumento em meus tra- balhos, penso que somos sujeitos enquanto estamos *sendo*, que é na transitoriedade que o sujeito

advém. Portanto, uma analogia, se possível algum dia, seria radi- calmente diferente de nossa con- cepção atual e dependeria de en- contrarmos nessa “outra” lógica uma fenda.

Hoje, ouvimos falar da IA com uma mistura de admira- ção e medo. Do ponto de vista psicanalítico, o que essa forma quase “mítica” de falar sobre a IA revela sobre os desejos e as angústias da nossa cultura?

“Com o algoritmo, não há alguém para amar ou odiar.”

Sperb – Essa ambivalência re- vela uma fanta- sia: o desejo de completude, de deparar-se com

um Outro que não vacila, dono do saber absoluto. É a fantasia de uma existência livre de angústia. Entretanto, justamente por a falta ser constitutiva, suturá-la implica- ria na aniquilação do sujeito, no apagamento do desejar. Daí vem o medo: a falta da falta resulta na impossibilidade da alteridade. O efeito de delegar à IA não ape- nas tarefas, mas o próprio traba- lho psíquico, produz o que venho trabalhando sob o conceito de sujeito por procuração. A ideia é que o algoritmo passa a ser um “procurador” oferecendo respos- tas prontas, que lembra e anteci- pa as demandas e os desejos, que oferece um reco- nhecimento ime- diato e sem enig- ma. O resultado é um indivíduo “duplamente”

alienado — se a primeira aliena- ção, a da linguagem, é a que nos funda como sujeitos, esta segun- da, no algoritmo, é a que nos furta a possibilidade de nos se- pararmos dela para sustentar um

desejo próprio. A satisfação plena encontra seu limite na aniquilação do próprio desejar.

Temos ouvido sobre pesso- as que se relacionam com uma Inteligência Artificial, como se ela fosse uma “companhia per- feita”. Como você relaciona isso com o narcisismo?

Sperb – Partindo do ponto que a IA não é um sujeito, entendo que a “relação” é puramente nar- císica, não há alteridade. É como um espelho que reflete o Eu Ide- al, promete ser uma companhia que nunca frustra, que tampona a ferida narcísica. O ponto princi- pal aqui é que, se ela é comple- ta, se não lhe falta nada, então como consequência ela não tem um desejo próprio que possa nos interpelar. Logo, não há enigma. Portanto, não há uma relação ver- dadeira.

A psicanálise sempre se ocu- pou do que nos torna humanos: nossas falhas, nossos sonhos, mas também nossa criatividade. Vemos pessoas usando IAs para criação das mais variadas coisas. O que pensa sobre isso?

Sperb – Pegando o que você disse, as falhas e os sonhos que nos fazem humanos estão ligados a essa criatividade. Nós, humanos, criamos a partir de um impasse, de uma frustração, de um espaço po- tencial. Se pensa- mos em Freud, a sublimação surge como um desti-

no da pulsão, o “mais bem-su- cedido” em termos civilizatórios. A arte, a ciência e a cultura apa- recem como produtos dela. Mas notem que, para isso, é preciso de um psiquismo capaz de lidar com

“Sem encontro analítico, não há motor para o tratamento.”

a frustração, que possa desviar a energia pulsional a um novo alvo, socialmente valorizado — a IA não se frustra. O criar de uma IA e o criar de um ser humano são radicalmente diferentes. Uma IA computa, combina e recombina dados já existentes.

Com a popularização dos “chatbots terapêuticos”, o que se perde de essencial quando o encontro analítico é substituído por um algoritmo que busca ser “compreensivo”?

Sperb – Se perde tudo! Sem encontro analítico, não há motor para o tratamento. A psicanálise não é uma técnica de sugestão ou de fortalecimento do Eu via compreensão. Se fosse, bastaria irmos a um café ou bar com amigos que nos analisaríamos. Pelo contrário, o grosso do trabalho analítico se dá nos mal-entendidos, nos vacilos, nos erros em que o inconsciente se desvela, no desejo. O tratamento psicanalítico não visa aconselhar, nem “analisar os dados”, mas sim em possibilitar ao sujeito se escutar de uma nova maneira. Um “chatbot terapêutico”, que de terapêutico não tem nada, pode até fornecer respostas que venham a confortar

narcisicamente, entretanto é incapaz de gerar uma transformação subjetiva, dado que carece de encontro. Para que uma análise aconteça, o analisante precisa supor um saber no analista. O analista, por sua vez, opera justamente por saber que não detém esse saber — é o que Lacan chama de sujeito suposto saber. Estes chatbots, entretanto, não se sabem castrados; a partir de sua suposta completude,

“Os chatbots nunca ficam em silêncio, sempre respondem às interações.”

eles de fato são o saber, o que é o exato oposto da posição analítica. E daí, estamos muito, mas muito longe do que é uma análise. Se a

cura é pela fala, é preciso que se fale para alguém!

Pensando em nosso ofício, qual o lugar da transferência, do corpo e do silêncio em uma interação mediada por um algoritmo?

Sperb – Esses elementos estão no cerne da psicanálise e são impossíveis em uma interação com uma máquina. A transferência, como Freud nos mostrou, é a atualização, na figura do analista, das imagos parentais, dos amores infantis. É uma relação viva, libidinal, presentificada no *setting*. Com

o algoritmo, não há alguém para amar ou odiar. Quanto ao silêncio, bom, os chatbots nunca ficam em silêncio, sempre respondem às interações; ele está programado para preencher. O silêncio do analista, por sua vez, se faz presente, convoca o sujeito a se responsabilizar por sua palavra e por sua falta. Este “vazio” é essencial para que algo novo possa ser criado.

Para finalizar, diante do mal-estar contemporâneo gerado por essa busca de soluções instantâneas e por uma existência cada vez mais mediada pela tecnologia, como a psicanálise pode ajudar?

Sperb – A psicanálise vai na contramão da cultura vigente. Ela faz um ato de resistência: o de reafirmar que a falta não é um defeito a ser reparado, mas sim a matéria-prima da criação e do desejo. Em meus trabalhos, eu proponho a captação da transitoriedade como um ato ético, o que, neste contexto de IAs, implica em recusar esta oferta de preenchimento imediato, permitindo-se habitar a própria finitude. A psicanálise, nesse sentido, não oferece respostas prontas, mas as ferramentas para essa travessia: a de transformar a aceitação da finitude em potência de vida.

Artigos

Antissemitismo estrutural

Heloisa Zimmermann

Membro associado SBPdePA e participante do Grupo de Estudos sobre Preconceitos



Este artigo nasce da perplexidade provocada por constatações antissemitas em instituições de psica-

nálise. Apesar dos ditos princípios e valores de respeito, igualdade e fraternidade, observam-se repe-

tidas situações de desrespeito a colegas, imposição de ideologias e deslegitimação da dor alheia. À semelhança da Revolução Francesa e de tantos outros movimentos em prol de valores igualitários que se iniciam cheios de boas intenções, mas que em pouco tempo se percebe neles claramente a máxima de George Orwell em *A Revolução dos bichos*, em que eterniza a declaração dos líderes eleitos por seus semelhantes: “Todos os animais são iguais, mas uns são mais iguais que os outros”.

Deslegitimar

É um verbo transitivo direto que significa retirar ou anular a legitimidade, validade, autoridade ou reconhecimento de algo ou de alguém. Pode ser aplicado a instituições, normas, decisões, pessoas ou sentimentos, sempre no sentido de questionar ou cessar sua aceitação como legítima, seja do ponto de vista legal, institucional, social, moral ou ético.

O conceito de deslegitimar na psicanálise surge com os debates sobre o reconhecimento, a validação do sujeito e o papel do outro na constituição do trauma e do sofrimento psíquico. A desmentida pode ser uma forma de deslegitimação do relato e da experiência do sujeito frente à violência sofrida. Ao não reconhecer a fala da criança que sofre um abuso, o adulto deslegitima a experiência subjetiva da vítima, o que contribui para a formação do trauma. A vítima de um abuso (sexual, físico, moral) depende de um reconhecimento para ter sua fala, sua subjetividade e sua alteridade validadas. O não reconhecimento do evento traumático desmente o sujeito e marca, de forma indelével, a presença do outro como condicionante do trauma (Ferenczi, 1933).

No contexto clínico, deslegitimar pode ser uma forma de desautorizar a associação livre ou de interpretar dores como resistências do paciente, deslocando o foco do discurso para o campo conhecido ou de interesse do analista. Assim, percebe-se que a recusa ao reconhecimento do sofrimento psíquico do outro se dá de várias formas e em vários contextos. É comum, contudo, em todas as situações, como uma condição fundamental, especialmente em traumas coletivos e violência social, a invalidação do sujeito frente à violência que lhe é infligida. Quem acolhe ou desmente é o outro, o adulto, o diretor, o chefe, o colega, o que ocupa no momento o cargo com poder de empatia, mas que nem sempre cumpre o papel que deveria. Como, por exemplo, em instituições de psicanalistas que não valorizam a escuta de seus colegas, que consideram que falar de um preconceito ou de uma dor é suficiente, não sendo necessário falar sobre outros tipos de preconceitos, tais como o antissemitismo.

Movimentos identitários

Nos últimos 20 anos, o planeta tem lidado com mais movimentos sociais unânimes do que nos anos prévios. Certamente, a internet e as mídias sociais tiveram um papel importante nessa ênfase. O que antes levava meses ou anos para atravessar a fronteira de países, hoje viraliza mundialmente em 24 horas.

A maioria dos movimentos sociais inicia com ótima intenção: salvar vidas. Ao chamar a atenção do público desavisado para seus algozes, independentemente da causa, o intuito é garantir a sobrevivência de todas as vítimas. Tais lutas se dão ora no reino das palavras, ora literalmente, uma vez que muitas das vítimas de preconceitos de fato sofrem vários tipos de violência, incluindo físicas, e comumente desenvolvem quadros graves de doenças mentais, chegando ao suicídio.

Ao longo do caminho, entretanto, muitos grupos foram se tornando parecidos com os inimigos iniciais. Vagarosamente, vão se dando movimentos que, em vez de aumentar a capacidade de pensar de maneira plural, incluindo mais pessoas com mais dores e buscando mais alternativas de enfrentar os desafios, o contrário é o que se observa. Cada liga se volta para dentro de si mesma, valorizando apenas seus membros e desconfiando de quem não faz parte. Com o tempo, o habitual é que a desconfiança cresça e se torne mais grave, chegando à aversão e ao desprezo por quem não aderiu “como deveria” à causa. Tal aderência deve ser praticamente literal, fazendo parte do grupo regularmente, usando seu vocabulário, suas vestimentas, modificando seus corpos de acordo, ou, no mínimo, dando apoio financeiro. Se a pessoa não proceder conforme mencionado, será malfalada dentro do grupo e abertamente hostilizada fora dele. Ainda que seja simpatizante. Ainda que sejam todos psicanalistas.

Movimentos identitários e Judaísmo

À medida que os movimentos identitários vão tomando força, é comum que se “especializem” e tratem cada vez mais exclusivamente dos seus membros e de suas dores. Quando há intersecções, como dos movimentos que defendem as identidades de gênero com os movimentos que defendem as questões raciais, há apoio. Infelizmente, não é o que acontece com os movimentos judaicos. Os judeus, mesmo os que defendem e participam ativamente de movimentos contra qualquer dos tipos de preconceito, não são amparados por seus colegas de batalhas quando outros judeus estão na berlinda.

Mesmo Israel sendo a única democracia do Oriente Médio, tendo 20% de sua população formada por árabes (tanto que árabe é uma das línguas oficiais),

tendo 2,2% de negros em sua população (mais que o dobro da Europa), e sendo o local onde a Parada do Orgulho Gay é comemorada anualmente desde 1993, enquanto os países muçulmanos seguem lapidando os homossexuais, o que se vê em vários lugares do mundo são incontáveis ligas contra preconceitos em geral e, ao mesmo tempo, antissemitas. Como exemplo, o "Queers for Palestine".

Na Psicanálise

Ao contrário do que se esperaria em instituições psicanalíticas, compostas por pessoas em análise ou que já receberam alta, ainda hoje se observa que a política levanta poeira. "Respeitosamente", ninguém pergunta em quem os outros vão votar, não se fala qual partido se prefere ou qual religião se aprova. Mesmo assim, é impactante a quantidade de informações "garantidas" sobre vários membros que a Rádio Corredor traz. Dessa forma, ainda hoje, pessoas são execradas porque exercem seu suposto direito de pensar e votar. Mesmo que não profiram nenhuma palavra. Assim, aquilo que é "descoberto" por quem reprova, é anunciado, julgado e condenado nos corredores da academia.

Em outras palavras, se uma pessoa não se declara abertamente de esquerda, é de direita. Se não contribui financeiramente para a causa, é contra a

causa. Se é judeu, é rico, branco, privilegiado, racista, de direita e suas dores não contam. Não é necessário falar sobre traumas judaicos. Não é necessário convidar alguém para dialogar com outros convidados sobre traumas judaicos.

Enfim...

O que acontece nas sociedades psicanalíticas que descobriram, há poucos anos, que se deve lutar por esta ou por aquela causa, mas se pode esquecer de outras? A pergunta é recebida com muita hostilidade e negativas, afinal, ninguém admite ser preconceituoso. No entanto, as pessoas que defendem tão arduamente algumas questões também têm desqualificado as dores surgidas, ou exacerbadas, a partir de 7 de outubro de 2023.

Seria porque o fundador da psicanálise é judeu? Freud viveu o Holocausto de maneira muito triste. Em suas obras, fala pouco de suas origens, deixando essa parte tão importante da própria vida predominantemente para as cartas que trocava com pessoas de sua máxima confiança. Com certeza, ele sentia o antissemitismo profundamente e não ousou incluir esse fato sobre si mesmo na ciência que fundava com tanto afincamento por tanta oposição. A oposição à psicanálise diminuiu muito. Já o antissemitismo, o tempo tem dito.

Chatbots não pensam

Gley P. Costa*



Com o avanço das tecnologias de linguagem natural, tornou-se cada vez mais comum interagirmos com assistentes virtuais e *chatbots* capazes de responder com fluência e coerência a uma imensa variedade de perguntas. Em muitos casos, suas respostas parecem não apenas corretas, mas também dotadas de lógica, intenção e até sensibilidade.

Diante disso, é legítimo perguntar: as máquinas estão realmente pensando? A resposta é não. Embora os modelos mais modernos de inteligência artificial — como os baseados em redes neurais e aprendizado

profundo — produzam textos impressionantemente articulados, eles não pensam, não compreendem e não têm consciência. O que acontece, de fato, é uma sofisticada cadeia de predições linguísticas.

Esses sistemas funcionam prevendo, com base em bilhões de exemplos textuais, qual é a palavra mais provável que deve vir depois da anterior, em determinado contexto. Cada resposta gerada é, portanto, o resultado de um cálculo estatístico, e não de uma reflexão intencional. O modelo não sabe o que é o mundo, nem entende o significado das palavras que usa. Ele opera com correlações formais entre ter-

mos — não com conceitos, valores ou experiências subjetivas.

A “compreensão” demonstrada por um *chatbot* é, na verdade, uma simulação muito convincente, baseada na forma como os seres humanos costumam se expressar. Ao capturar padrões de linguagem com enorme precisão, a máquina dá a impressão de que pensa — mas isso não passa de uma aparência. O que ela faz é imitar o modo como escrevemos e falamos, sem acesso ao que realmente sentimos ou pensamos.

Esse fenômeno levanta questões importantes. A primeira delas é ética: se máquinas podem imitar com tanta perfeição a linguagem humana, como distinguir a fala de um ser consciente da resposta de um sistema automatizado? A segunda é filosófica: o que realmente significa compreender algo? Pensar é simplesmente manipular símbolos, ou envolve vivência, corporeidade e afeto?

Por ora, o fato permanece: *chatbots* não pensam. Eles não possuem mente, intencionalidade nem senso de realidade. Ainda que suas respostas possam nos tocar ou parecer profundas, elas são o resultado de cálculos probabilísticos e padrões linguísticos, não de um pensamento autêntico.

**Psicanalista, escritor e idealizador do Recanto Sigmund Freud, espaço cultural em Porto Alegre que homenageia o criador da psicanálise. Autor de diversos livros, entre eles A invenção da vida: uma visão psicanalítica contemporânea da felicidade (Artmed, 2023). Dedicou-se à difusão da psicanálise em diálogos com a cultura contemporânea, a literatura e as artes. Atua em clínica, palestras e projetos culturais que buscam aproximar o pensamento psicanalítico da vida cotidiana e das questões humanas essenciais (mini currículo fornecido pelo ChatGPT).*

IA não substitui a psicanalista

Renata de Carvalho Britto Dose



Vivemos um tempo em que as tecnologias digitais, especialmente a inteligência artificial (IA), ocupam um espaço cada vez maior em nossas vidas, inclusive na esfera íntima e subjetiva. Muitos pacientes chegam ao consultório relatando que, antes de buscar uma análise, tentaram conversar com assistentes virtuais ou utilizar aplicativos de saúde mental em busca de conselhos para lidar com suas angústias. No entanto, o resultado, quase sempre, é o oposto: em vez de alívio, sentem-se mais sozinhos, mais confusos e, frequentemente, ainda mais angustiados.

Ao fornecer respostas imediatas e sem o respaldo de uma escuta analítica qualificada, a IA tende a anular a posição do sujeito e inviabilizar o exercício da associação livre: técnica fundamental da psicanálise, na qual o analisando é convidado a dizer tudo o que vier à mente, sem censura, ainda que pareça irrelevante, estranho ou incômodo. Conforme destaca Freud (1913), é necessário que o paciente diga tudo o que lhe ocorrer, mesmo que pareça tolo ou sem sentido.

Diferentemente da escuta analítica, as interações com dispositivos de IA se organizam em torno de demandas racionais e formulações dirigidas,

restringindo a circulação do significante e, por consequência, o acesso às formações inconscientes. A psicanálise, por sua vez, não oferece conselhos nem se propõe a resolver problemas de modo direto. Seu objetivo é acolher o sofrimento psíquico e criar as condições para que o sujeito elabore seus conflitos inconscientes. Falta à IA o essencial: o acolhimento singular da fala do sujeito.

A IA oferece respostas rápidas, geralmente homogêneas, baseadas em padrões de linguagem. Não há escuta verdadeira, não há transferência, não há relação. A IA responde, mas não se implica, não se afeta, não sustenta o silêncio, nem ocupa uma posição subjetiva no laço com o analisando. Ela não sonha com o paciente, não se surpreende com o inesperado do encontro, apenas replica.

Ferenczi (1928) destacou a importância da atitude emocional do analista e daquilo que chamou de “tato clínico”, algo impossível para uma máquina. Para ele, a técnica psicanalítica não pode ser reduzida a uma fórmula ou ensinada como uma receita, pois exige uma adaptação sensível e constante às reações do paciente.

Desde Freud, sabemos que o sofrimento psíquico não pode ser resolvido por meio de instruções, normas ou conselhos. A psicanálise parte da escuta do inconsciente, que se manifesta não apenas no conteúdo explícito da fala, mas também nos silêncios, lapsos, sintomas e na transferência. O analista ocupa um lugar que permite ao sujeito reviver e elaborar, progressivamente, suas repetições inconscientes na relação com o outro. A IA pode até simular uma escuta, mas não pode sustentar uma posição subjetiva implicada na relação transferencial. Não há ali um corpo que escuta. Não há um sujeito que se afeta.

Nenhuma inteligência artificial é capaz de adaptar-se ao sofrimento humano com a escuta ética e singular que a clínica exige. O que possibilita transformação na análise não é a resposta em si, mas a experiência de ser escutado e de poder escutar a si mesmo. A escuta psicanalítica se dá no ritmo do sujeito, não no ritmo de uma máquina.

Além disso, a análise implica tempo, elaboração, transferência e resistência, conceitos fundamentais que não têm lugar nas interações com inteligências artificiais. O vínculo transferencial permite que o analisando reviva, repita, elabore e, finalmente, simbolize experiências inconscientes. Nenhum algoritmo pode sustentar essa função. Mesmo que a IA venha a desempenhar papéis relevantes em áreas como triagem ou apoio diagnóstico em saúde mental, ela não pode, nem deve, ocupar o lugar da experiência clínica psicanalítica. O papel do analista é insubstituível, pois envolve uma escuta humana, sensível, simbólica e ética.

Ferenczi (1932/2011), em seus escritos mais íntimos, como o Diário Clínico, enfatiza que a

transformação subjetiva só é possível quando há um outro que acolhe de forma viva e real. Ele propõe que o analista responda com humanidade e tato, sendo sensível à dor do paciente e atento às ressonâncias do encontro. Nada disso pode ser replicado por algoritmos. O que está em jogo na análise não é apenas a compreensão de um conteúdo mental, mas um encontro humano que abre espaço para a simbolização e a elaboração do sofrimento psíquico.

Conclusão

Em tempos marcados pela velocidade, pela padronização e pelo imediatismo das respostas, a psicanálise aposta na escuta singular, na transferência e no tempo subjetivo. A IA, embora avance em diversas áreas, carece do elemento essencial à clínica: o vínculo afetivo e simbólico entre sujeitos. Por isso, não, a inteligência artificial não pode substituir o psicanalista. Porque o que promove deslocamentos psíquicos não é a resposta correta, mas o encontro com um outro que escuta de verdade.

FERENCZI, S. Diário clínico. São Paulo: Martins Fontes, 2011. FERENCZI, S. (1928). A elasticidade da técnica psicanalítica. In: FERENCZI, S. Escritos psicanalíticos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. FREUD, S. (1913). Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). In: FREUD, S. Escritos sobre a técnica psicanalítica. FREUD, S. (1911–1915). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 12).

Momento histórico

Vintage

Ana Rosa C. Trachtenberg

Atravessando as décadas de 80 e 90 do século passado, nosso grupo formado por 16 colegas (14 homens e duas mulheres), que viriam a ser os fundadores da SBPdePA, se reunia incansavelmente (acho que estou maquiando um pouquinho...) entre nós e, posteriormente, com nosso Comitê de Avaliação (Sponsoring Committee) da IPA. Queríamos uma casa nossa, com amigos, livros, discos e nada mais, como na canção imortalizada na voz de Elis Regina, que segue: "Eu quero a esperança de óculos, e meu filho



de cuca legal, eu quero plantar e colher com mão, a pimenta e o sal".

Parece que a história da Brasileira vai sendo assim, tempos também heroicos, com colegas do NIA desbravando a noite na sede da Quintino para entregar em tempo hábil o NIA como Proje-

to a ser avaliado pela IPA. Deu super certo. Recebemos uma verba importante, que nos permitiu trazer regularmente a Virginia Ungar, o Marcelo Viñar, o Asbed Aryan, o Arnaldo Smola, Susana Ferrer, Raquel Goldstein, Nilde Franch, entre outros nomes igualmente importantes e valiosos, para seminários na tarde de sextas e na manhã de sábados. Lindos momentos fundacionais. Nos divertimos com o auditório lotado de colegas entusiasmados. Ainda foi possível inaugurar projetos sociais para a comunidade e a cultura da Infância e da adolescência.

Nossa Revista, cujo primeiro comitê foi formado por heroicos Membros do Instituto (naquele mo-

mento, então chamados de Candidatos). Desbravamos bastante.

Voltando ao século passado, lembro com gratidão e humor da minha entrevista para obter a função didática, apresentando material clínico para o Sponsoring Committee, em Buenos Aires. Encantei-me com uma bolsa, e a loja fechava às 13 horas daquele sábado de sol na cidade que habita meu coração. Conversei comigo: Se eu fosse aprovada, traria a tal bolsa para POA, como um "auto- prêmio". Gosto de objetos que acompanham momentos marcantes. A tal bolsa veio e agora ela é *vintage*.

Como fundadora da Brasileira, serei *vintage* também?

Notícias

"O menino e a garça"

Christiane Paixão*

Psicanalista, membro titular com função didática da SBPdePA, membro pleno do CEPdePA



"A vida não existe sem criação" – assim o premiado diretor Hayao Miyazaki do filme *O menino e a garça* (2023) define sua experiência com a arte. Sendo a arte inseparável da vida, Miyazaki completa: "Eu não invento histórias de forma intelectual, elas sobem à superfície a partir de um lugar lamacento e selvagem que não controlo".

Assim, no filme, somos convidados pelo menino Mahito a mergulhar no vale da estranheza, a cair pela fenda para dentro dele mesmo, onde o real/irreal, amor/ódio, esperança/desesperança se mesclam e demandam o trabalho psíquico de elaboração.

Mahito, aos 12 anos perde tragicamente sua mãe num incêndio causado por bombardeiros durante a Segunda Guerra Mundial. Na primeira cena do filme, aparece Mahito gritando desesperado: "Mãe! Eu estou indo, mãe!"

A partir desse acontecimento, vamos acompanhar a trajetória do menino enlutado pela perda da mãe, pela migração forçada decorrente da guerra, somadas às transformações próprias do movimento adolescente.

Enquanto observamos a tendência da cultura para anestesiar, negar e abafar a dor, apostando em mecanismos para livrar rapidamente do sofrimento, o filme *O menino e a garça* aposta na capacidade humana de sofrer a dor como parte inexorável da vida.

Também nos mostra que, no processo do luto, o esquecimento está do lado da vida e é uma forma de (re)viver em nós quem se foi.

Agradeço o convite carinhoso do Júlio Sperb, bem como a companhia do cineasta Giordano Gio, pela grande oportunidade de debater com eles a riqueza desse filme.

***Relato sobre sua participação como convidada na 2ª edição da temporada 2025 do Cine Anime, em que foi debatido o filme *O Menino e a Garça* (2023)**



Christiane Paixão, cineasta Giordano Gio e Júlio Sperb

Como foi a Jornada Científica

Evento teve como tema a Metapsicologia do Trauma

Nos dias 28, 29 e 30 de agosto, realizou-se, no Hotel Hilton e na sede de nossa Sociedade, a Jornada Metapsicologia do Trauma, evento que se destacou pela articulação consistente entre teoria, clínica e experiência afetiva. A programação foi organizada em torno do tema do trauma, contemplando discussões sobre psicossomática, racialidade e dissidências sexuais, o que evidenciou a relevância da psicanálise quando se abre ao diálogo com diferentes campos da experiência humana e com os desafios éticos e sociais contemporâneos.

O encontro contou com a participação dos psicanalistas Diana Tabacof (França), Christophe Dejours (França), Emiliano Camargo David (Brasil) e Facundo Blescheter (Argentina), cujas conferências e interlocuções ofereceram perspectivas originais acerca das formas de inscrição do trauma no corpo, no laço social e na subjetividade. As contribuições apresentadas ampliaram a compreensão dos efeitos do traumático, abrangendo desde as marcas precoces que se manifestam em quadros psicossomáticos até as violências estruturais relacionadas ao racismo e às dissidências sexuais, permitindo um aprofunda-

mento crítico das implicações clínicas e sociais desses fenômenos.

Além das conferências, destacaram-se as mesas-redondas, os exercícios clínicos e os cursos, que favoreceram uma interlocução plural e fecunda entre os participantes. Do mesmo modo, os trabalhos apresentados nos temas livres trouxeram importantes reflexões e experiências clínicas, enriquecendo ainda mais a Jornada pela diversidade de olhares e pela vitalidade do pensamento psicanalítico em circulação.

Para além de seu caráter científico, a Jornada foi marcada por um ambiente de integração e de muita troca, proporcionando um clima afetivo e amistoso com todos.

A Jornada Metapsicologia do Trauma reafirmou, assim, o compromisso de nossa Sociedade com a transmissão da psicanálise, a atualização constante de seus referenciais teóricos e clínicos, e sua abertura para o diálogo interdisciplinar e com a realidade social. Trata-se de um marco significativo em nosso calendário científico e institucional, cujos desdobramentos foram muito positivos.

A Comissão Organizadora da Jornada expressa seu agradecimento a todos os conferencistas, palestrantes e moderadores, cuja presença qualificou de maneira ímpar o debate, e a cada participante que, com sua escuta e interlocução, contribuiu para tornar este encontro uma experiência verdadeiramente enriquecedora e memorável.

Comissão organizadora da Jornada: Janine Severo (Diretora Científica da SBPdePA), Alessandra Guedes, Aline Santos e Silva, Camila de Araújo Reinert, Carmen Prado, Clarissa Leonardi Padilla, Gabriela A Morsch, Giuliana Stuber, Marcela Pohlmann, Morgana Saft Tarragó, Roberta Peruchin Loureiro da Silva Breda, Siana Pessin Cerri, Vera Regina Subtil Viuniski





Fotografias: Celso Wichinieski



Da praça ao Parcão

Uma homenagem a Freud em Porto Alegre



A cidade de Porto Alegre acaba de ganhar um novo marco cultural em homenagem ao criador da psicanálise. Inaugurado em 23 de agosto de 2025, no Parque Moinhos de Vento — o popular Parcão —, o monumento a Sigmund Freud celebra não apenas a relevância histórica do pensador vienense, mas também o protagonismo da psicanálise na vida cultural porto-alegrense.

A trajetória dessa homenagem remonta à sede da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA), localizada em uma travessa ligada à Praça Doutor Maurício Cardoso, no bairro Moinhos de Vento. Inspirado pelo exemplo dos psicanalistas de Buenos Aires — que batizaram a região em torno da Plaza Güemes, no bairro de Palermo, como Villa Freud e pleiteiam, há anos, a mudança do nome da Calle Medrano para Calle Freud — o psicanalista Gley Pacheco Costa, membro fundador da SBPdePA, buscou, inicialmente, nomear a travessa com o nome de Sigmund Freud. Embora a proposta não tenha se concretizado, a ideia não foi abandonada.

Graças a articulações junto ao poder público, a Câmara de Vereadores aprovou a criação do Recanto Sigmund Freud na Praça Doutor Maurício Cardoso, instituído por meio da Lei Municipal nº 13.643, sancionada pelo prefeito Sebastião Melo em 3 de outubro de 2023. No local, em 16 de dezembro do mesmo ano, foi inaugurada uma escultura em aço corten com o perfil de Freud, doada pela SBPdePA.

O projeto original previa, ainda, a instalação de uma estátua em homenagem ao pensador. Contudo, todos os envolvidos avaliaram que a homenagem merecia um espaço com maior visibilidade e circulação pública. O endereço escolhido foi o Parque Moinhos de Vento, um dos pontos mais frequentados da cidade.

O monumento é composto por granito e bronze, encimado por um busto de Freud. Tem 2,5 metros de altura e pesa cerca de três toneladas. Trata-se de uma obra coletiva, concebida por 21 artistas da Associação de Escultores do Rio Grande do Sul em parceria com a Coordenação de Artes Visuais da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre.

A história da escultura freudiana em Porto Alegre encontra eco na trajetória do monumento a Freud inaugurado em 1970 em Londres, diante da Tavistock Clinic, com a presença de Anna Freud. A obra londrina, viabilizada por um comitê presidido por Donald Winnicott, foi posteriormente transferida, em 1998, para uma área próxima ao Freud Museum, e incorporada ao patrimônio nacional britânico em 2016.

A escultura no Parcão representa, assim, não apenas uma homenagem a uma das figuras mais influentes do pensamento moderno, mas também a consolidação de um elo simbólico entre Porto Alegre e o legado internacional da psicanálise.



NIA e a sociedade

Neste ano, o Núcleo de Infância e Adolescência da SBPdePA dirigiu o olhar para questões que impactaram a sociedade. No primeiro semestre, fizemos uma atividade sobre a série "Adolescência", da Netflix, com as colegas Caroline Milman e Denise Zimpek, e no segundo semestre, fizemos uma atividade a respeito do documentário do influenciador digital Felca sobre "Adultização e Maquinarias Perversas" com o Procurador de Justiça do Ministério Público do Rio Grande do Sul, Dr. Fábio Costa Pereira, e nossa colega Membro Titular Angela Piva.

No âmbito escolar, desenvolvemos um projeto no Colégio Estadual Cândido José de Godoi apresentando a palestra "O uso excessivo de celulares" para professores e alunos; oferecemos grupo para pais e cuidadores de alunos atípicos; criamos um grupo destinado aos alunos (adolescentes) propiciando um espaço de escuta psicanalítica para suas angústias e narrativas, de 1h quinzenalmente. Observamos que, à medida que o vínculo entre a Equipe NIA e a comunidade escolar estreita-se, mais naturalmente vão surgindo as carências desta população. Uma das riquezas deste projeto é poder levar uma escuta psicanalítica para dentro da escola e verificar o quanto este espaço, este olhar, fazem diferença na esperança de um futuro melhor para nossos adolescentes.



O Cine Anime, projeto coordenado por Júlio Sperb em parceria da SBPdePA com o Instituto Ling, segue ativo e realizou sua terceira edição da temporada 2025 com a participação de Denise Zimpek (vice-presidente da SBPdePA) e Rafael Machado Costa (doutor e mestre em História, Teoria e Crítica de Arte). Nesta edição, o debate girou em torno do filme *O Conto da Princesa Kaguya* (2013), de Isao Takahata, do Studio Ghibli. A quarta e última edição do ano acontecerá em 22 de novembro.

Neste ano, o Projeto Livros no Tatame teve expansão e reconhecimento com o aumento do número de participantes e de instituições interessadas, validando sua adaptabilidade. O apoio e participação de instituições como a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA), a Sociedade Psicanalítica Mato Grosso do Sul (SPMS) e o interesse de outras universidades de Porto Alegre atestam a qualidade e o impacto desta iniciativa.

As sessões na Escola Bosque, com alcance às crianças ribeirinhas em Outeiro em Belém/PA, e a parceria com o "Projeto Biblioteca Itinerante", com sessões na periferia de Porto Alegre, firmam nosso compromisso com a inclusão e diversidade. O projeto estabeleceu sinergias com diversas instituições e organizações como academia de Jiu-jitsu, a Fundação Pão dos Pobres e a Promotoria de Justiça da Infância e Juventude de Porto Alegre, buscando ampliar seu alcance. Para atendermos à demanda, houve a formação de multiplicadores através da criação do Curso de Imersão – formação de "psileitores" – que garantem a expansão da metodologia e a formação de novos agentes de transformação.

Por fim, nos dias 10 e 11 de outubro aconteceu o I Encontro Nacional do Projeto Social Livros no Tatame. O evento foi híbrido, realizado pelo NIA e pela Diretoria Comunidade e Cultura na sede da SBPdePA.

Diretoria de Divulgação



Nossa equipe é coordenada por Heloisa Zimmermann e constituída por Graziella Comelli, Letícia Lacerda, Lisa Magalhães, Júlio Sperb, Renata Telöken, Membros do Instituto da SBPdePA; pela jornalista Karine Freitas e pela secretária Micaela Wunsch.

Chegamos ao segundo semestre deste ano tão rico em trocas, encontros, atividades científicas e a nossa tão esperada Jornada sobre a Metapsicologia do Trauma.

Nossa agenda foi movimentadíssima. Para dar conta do volume de anúncios das atividades organizadas pelas diversas diretorias, pelos núcleos, pelo Projeto Ubuntu, dos seminários abertos e dos vários grupos de estudos e ainda das atividades das Sociedades coirmãs e das que nos abrangem, como FEBRAPSI, FEPAL e IPA, contamos com uma equipe ágil, curiosa e assertiva!

Dessa forma, para mantermos nosso propósito na transmissão de uma psicanálise acessível para o público leigo, fazemos uso de redes de divulgação que auxiliam nessa comunicação. Nosso Instagram atingiu 16 mil curiosos e segue crescendo e proporcionando parcerias incríveis; nosso canal no YouTube está cada

vez mais fortalecido e recheado de gravações de nossas atividades.

Além do nosso SBPdePA Cast, que produz e disponibiliza conhecimento em prol de debates internos e discussões entre colegas e especialistas, outra novidade neste ano é o PubCast – que transmite a psicanálise através da leitura de artigos científicos publicados na nossa revista Psicanálise, com temáticas contemporâneas. Estamos incansavelmente buscando novas formas de comunicar e colocar a psicanálise ao alcance da comunidade.

A equipe da Diretoria de Divulgação se orgulha em contribuir para a expansão do conhecimento, dos questionamentos e de novas ideias.

Grupo de estudos: Preconceitos



Um grupo de colegas começou a reunir-se em novembro de 2023 com o objetivo de estudar e refletir sobre o tema preconceitos, buscando a compreensão dos mecanismos pelos quais – quaisquer que sejam eles – se instalam e se mantêm na mente das pessoas, desde uma ótica predominantemente psicanalítica.

Participaram inicialmente os colegas Ana Rosa Trachtenberg, Cesar Antunes, Heloisa Zimmermann e Newton Aronis. Agregaram-se ao grupo Beatriz Behs, Lea Lubianca Thormann, Augusta Gerchmann e Ane Marlise Port Rodrigues.

Passamos a nos reunir quinzenalmente na Instituição. Desde junho de 2025, nossas reuniões passaram a ser semanais. A atividade inaugural do grupo contou com a presença de Abel Feinstein, *chair* do comitê da IPA sobre Preconceito, Discriminação e Racismo. A fala foi sobre “A função do outro nas diversas formas de preconceitos”.

O grupo tem trabalhado no entendimento que tenta ir além da especificidade de cada preconceito, buscando uma maior abstração que possa dar conta do que há em comum na mente que produz qualquer

pensamento preconceituoso. É a razão da existência do grupo, com o título no plural.

É uma busca de caminhos, sem certezas, respeitando a complexidade do tema, que nos leva a um espectro desde “inocentes” manifestações individuais até a violência extrema de manifestações de grupos fanáticos.

Nossos inícios foram marcados pelo terrível atentado terrorista do Hamas, em 7/10/2023, e à violenta onda de antissemitismo, como um derivativo paradoxal, na consideração do ato desumano como um movimento de resistência. Foi impossível não ser assunto em várias reuniões, não só pelo que atingia pessoalmente a alguns, mas pelo impacto que essas situações afetam nossa humanidade.

Qualquer morte violenta mata um pouco da humanidade. Em cada um de nós.

Entender preconceitos não consiste em buscar elementos que nos possibilitem uma crítica à forma de pensar do outro. Ao contrário, inclui poder se colocar no lugar do outro, empatizar, entender suas necessidades.

É entender o preconceito que existe em cada um de nós. Os obstáculos a um pensamento criativo. O que é comum na forma com que nos relacionamos

com as teorias. Bachelard afirma que, muitas vezes, não basta, para um pensador científico, criar uma teoria: ele o faz criticando outra forma de pensar.

Poder escutar o diferente é o que pode enriquecer nosso pensamento. E, talvez, questionar as próprias teorias, transformando-as, seja a única maneira de atingir a complexidade.

Em época de polarizações, há um espectro entre os extremos, com diferentes nuances, cores, climas emocionais. Há uma perda ética nos polos, com impossibilidade da escuta do diferente. O entendimento deste processo pode nos levar a entender um pouco mais o fanatismo.

Os fenômenos grupais apontam para uma fragilização do sujeito, que fica mais permeável a uma identificação com pensamentos totalitários, com a cristalização de determinada identidade, perdendo a capacidade crítica e a capacidade de pensar criativamente. Potencialmente, qualquer grupo pode exigir, ainda que de forma implícita, uma “fidelidade”.

Espero que este grupo possa seguir questionando ideias, por mais caras que nos sejam. Destaco, aqui, nosso segundo encontro aberto: Três preconceitos de leitura e um conto de Flannery O’Connor, com o professor Pedro Gonzaga. **(Newton Aronis)**

Instituto de Psicanálise

Em julho de 2025, ocorreu o 54º Congresso da IPA em Lisboa, cujo tema foi “Psicanálise: uma âncora em tempos caóticos”. Tendo sido a SBPdePA a primeira sociedade no Brasil a ter o modelo de Formação Integrada, fomos convidados a participar de uma mesa redonda, no pré-Congresso da COCAP, a fim de apresentar nossa experiência. Esta mesa contou com as presenças de Christine Anzieu Premmereur (New York Columbia Psychoanalytic Center), Fernando Gómez (Co-Chair Latinoamérica COCAP), Jacqueline Girard-Frésard (Sociedade Psicanalítica Suíça) e Vera Maria H. Pereira de Mello (representando a SBPdePA).

O trabalho apresentado nessa mesa, cujo título era “Formação Integrada na SBPdePA – conquistas e desafios”, foi elaborado pelas colegas Aline Pinto da Silva, Ester Malque Litvin e Vera Maria H. Pereira de Mello. Foi um momento muito rico em que pudemos mostrar a experiência que temos alcançado por meio deste modelo, no qual os membros do Instituto, desde seu ingresso na Formação Analítica, podem cursar seminários da área de infância e adolescência



concomitantemente aos seminários da Formação Geral, mesmo que não pretendam ser analistas de crianças e ou adolescentes.

A Formação Integrada propõe um conhecimento aprofundado nos conceitos psicanalíticos sobre o desenvolvimento, que se configuram como parte importante da teoria psicanalítica, sendo uma incorporação valiosa à formação analítica, na medida em que se acredita que o infantil não pode ser pensado como só vivido na infância, já que ele se presentifica de várias formas na vida adulta, como nos alerta Florence Guignard.

Iniciando o segundo semestre de 2025, tivemos como aula inaugural do semestre letivo, em 9 de agosto, a participação de Arnaldo Chuster (Membro Efetivo e didata da SPRJ e Membro do Newport Psychoanalytical Institute) falando sobre “As diferenças em Bion”,

momento em que abordou conceitos importantes da obra bioniana, enriquecidos pela consistência e originalidade de seu pensamento. Contamos ainda, depois da conferência, com uma atividade clínica com material trazido pela colega Ursula Krug (Membro do Instituto), que oportunizou a possibilidade de Chuster nos demonstrar seu raciocínio clínico.

Após este momento tivemos um excelente almoço organizado pela AMI, o qual se deu em clima de muita alegria e integração.

A Diretoria do Instituto da SBPdePA foi convidada a participar, em 6 de setembro de 2025, do "Encontro de Diálogo Inter Institutos", promovido pela Comissão de Transmissão e Formação da FEPAL. Esse encontro teve como objetivo refletir, compartilhar e divulgar as diferentes modalidades de admissão/ seleção de postulantes à formação analítica nas diversas Sociedades pertencentes à FEPAL. Caracterizou-se como um momento de muita troca de experiências, em que membros do nosso Instituto puderam falar sobre a sua formação.

Ainda em setembro, teremos o seminário aberto do segundo semestre, cujo tema será "Identificações", contando com a prata da casa! Em 8/9 teremos "Identificação em Freud" por Gley Costa; em 15/9 "Identificação em Freud" com Lores Meller; em 22/9 "Identificação em Melanie Klein" com Gildo Katz; e em 29/9, "Identificação em Meltzer" com Renato Trachtenberg.

A Diretoria do Instituto composta por Ana Rosa Chait Trachtenberg (Secretária), Cynara César Kopittke (Comissão de Formação), Sílvia Katz (Comissão de Seminários), Esther Litvin (Comissão de Formação em Psicanálise da Infância e Adolescência) e Vera Maria H. Pereira de Mello (Diretora) segue trabalhando intensamente de modo que a formação analítica em nossa sociedade se fortaleça cada vez mais, caracterizando-se como um ambiente fértil, que favoreça a criatividade, possibilitando um espaço que contemple e estimule novas ideias!

(Vera Maria H. Pereira de Mello, diretora do Instituto de Psicanálise da SBPdePA)

Notícias da AMI

Este segundo semestre foi marcado por encontros significativos na AMI (Associação dos Membros do Instituto), reafirmando o compromisso com a formação psicanalítica e o fortalecimento dos laços institucionais.

A Aula Inaugural do Instituto de Psicanálise da SBPdePA aconteceu no dia 09 de agosto com a conferência "As Diferenças em Bion", ministrada por Arnaldo Chuster. O evento híbrido reuniu membros e convidados em um espaço potente de reflexão, seguido por uma discussão de material clínico apresentado pela nossa colega da AMI, Ursula Krug. Foi um momento de muito aprendizado e afeto.

Com entusiasmo, acolhemos os novos membros que ingressaram neste ciclo formativo, com uma confraternização durante o tradicional almoço que marca o início do novo semestre.

Ainda em agosto, de 28 a 30/08, foi realizada a Jornada da SBPdePA com a importante participação dos membros do instituto tanto na organização quanto na apresentação de temas livres. A querida colega Larissa Biessek Sberse ganhou o prêmio de melhor tema livre da Jornada.

Os representantes dos membros da AMI estão marcando presença constante e eficiente nos diversos órgãos ligados à ABC, IPSO e OCAL. Além disso, há participação de colegas nos diversos canais de

comunicação com a sociedade científica e com a comunidade. As assembleias mensais da AMI continuam sendo espaços de troca pulsantes, com alta participação e debates produtivos, que fortalecem o coletivo e impulsionam o percurso formativo.

Aproveitamos o espaço para convidar os colegas a participarem do Simpósio da AMI que acontecerá nos dias 07 e 08 de novembro com o tema: "Afinal, o que é psicanálise?" Seguimos comprometidos com uma formação viva, ética e profundamente implicada com a psicanálise.



Comunidade e Cultura

A Diretoria da Comunidade e Cultura encerra, no fim de 2025, mais uma gestão confirmando que é fundamental continuar expandindo os horizontes da psicanálise para além das salas de seminários e consultórios, de maneira que todos possam usufruir dessa prática, entendimento e acolhimento.

Foram dois anos de intenso trabalho, mas, ao mesmo tempo, de muito reconhecimento, recebido por meio do diálogo com a cultura, a educação, a saúde pública, os efeitos climáticos, a arte e os contextos sociais, uma vez que o inconsciente, como fenômeno, também se manifesta nas mais diversas formas de vínculos e nas condições de vida que atravessam os sujeitos.

Entre cursos, grupos de estudos e encontros criativos, atingimos mais de 700 pessoas no decorrer de 2024-2025, sendo que para isso foi fundamental a parceria obtida entre as colegas da Comissão, a disponibilidade para coordenação de grupos de estudos e cursos dos membros da Brasileira e de convidados de outras Instituições, que criaram espaço para a fala e a subjetividade, reforçando os laços sociais.

Abordamos temas como a "Era digital na sociedade", "O luto na infância e adolescência", "A psicanálise e a literatura", "Psicofarmacologia no consultório psicanalítico", "O envelhecimento", "A psicossomática com sua visão atual", "O traumático que nos assola", "Os preconceitos que nos rodeiam (Projeto Ubuntu com Ane Marlise e Eliane Nogueira)", "A arte como alimento da alma e caminho para a elaboração de traumas", "O trabalho com crianças de periferia" (Projeto Tênis com Eluza Enck e Livros no tamente com Christine Nunes), a aproximação com os universitários (Semana Acadêmica da PUC) e tantos outros cursos e contatos que nos fazem refletir que a psicanálise está onde ela quiser transitar e ajudar.

Agradecemos imensamente a todas e todos os colegas que se prontificaram a colaborar com os nossos eventos, bem como àqueles que assistiram e nos deram seus retornos. Deixo aqui um agradecimento especial às colegas da Comissão e à nossa Presidente Patrícia Goldfeld que nos confiou este trabalho tão valioso numa Sociedade Psicanalítica. **(Rosa Beatriz Santoro Squeff, diretora da Comunidade e Cultura)**

A comissão da Comunidade e Cultura é formada por Gabriela Alves Morsch, Helena Surreaux, Kellen Gurgel Anchieta, Luciana Schmal, Paula Sarmento Leite, Vera Cardoni e Vera Hartmann.



Helena Surreaux
(Membro Titular e
Analista com função
Didática Plena)



**Vera Elisabeth
Hartmann**
(Membro Titular)



Gabriela Alves Morsch
(Membro do Instituto)



Vera Regina Santos Cardoni
(Membro do Instituto)



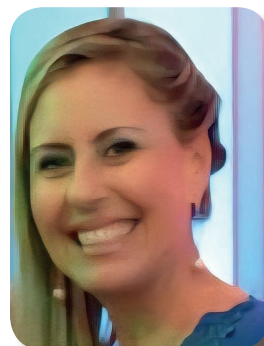
Luciana Saraiva Schmal
(Membro do Instituto)



Paula Sarmento Leite
(Membro Titular)



**Rosa Beatriz Santoro
Squeff** (Diretoria de
Comunidade e Cultura,
Membro Titular e Analista
com função Didática Plena)



Kellen Gurgel Anchieta
(Membro do Instituto)

Núcleo de Vínculos

O Núcleo de Vínculos, ao longo de 27 anos, tem sido um espaço de estudo, intercâmbio e de transmissão da Psicanálise Vincular. Neste ano, especialmente, temos trabalhado temas ligados à Psicanálise de Casal em diálogo com Daniel Waisbrot, psicanalista da Associação Argentina de Psicologia e Psicoterapia de Grupos, autor de vários livros, entre eles *Parejas en Análisis* (2021).

A participação na última Jornada da Brasileira, na mesa Trauma e Vínculo, nos estimulou a organizar, em



2026, uma jornada do nosso núcleo em homenagem a Janine Puget, grande psicanalista e ser humano inspirador.

Aguardem.

(Ângela Piva, coordenadora)

Ubuntu comemora 5 anos

Celebramos com um belo almoço, em setembro de 2025, os cinco anos do Projeto Ubuntu, cujas sementes foram lançadas em 18 de julho de 2020. Nessa data, o colega Ignácio Alves Paim Filho fez a pergunta inaugural: "Até quando vou ser o negro único na SBPdePA?"

Com aprovação em Assembleia Geral Ordinária em 27 de abril de 2021, o Projeto Ubuntu (Programa de Bolsas Formação Psicanalítica do Instituto de Psicanálise da SBPdePA para Profissionais Negros, Negras e Indígenas das áreas de Psicologia e Medicina) conta com sete (7) Membros do Instituto que ingressaram pelo Projeto até 2025.

Em maio de 2025, festejamos o lançamento pela SBPdePA do livro *UBUNTU – Eu sou porque nós somos. Trajetórias antirracistas no território psicanalítico*, contendo dezoito capítulos, belas ilustrações de Zeca Amaral, e organizado pelas colegas Eliane G. F. Nogueira e Rosa B. S. Squeff, às quais muito agradecemos. Na contracapa do mesmo livro, Ignácio A. Paim Filho traz um provérbio africano que diz: "Uma chama não perde nada ao acender outra chama".

O impacto da pergunta de Ignácio, em julho de 2020, teve o efeito de um acontecimento inesperado,

inusitado, que acendeu em muitos de nós a chama da consciência de nosso racismo individual e institucional. Iniciou-se, então, um processo de desalienação, de questionamentos, de percepção de nossa ignorância em relação aos estudos sobre o racismo e preconceitos em nosso país e nas instituições de psicanálise brasileiras. Também começamos a perceber os mecanismos de defesa que utilizamos para não sentirmos os efeitos de nossa violência discriminatória e excludente aos corpos negros e indígenas nas formações psicanalíticas vinculadas à IPA.

Na Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI), temos que 98% dos psicanalistas são brancos¹, em um país onde 56,7% da população é negra². É preciso muito endurecer-se e dessensibilizar-se para não ser tocado por essa gigante falta de equidade. Como maioria branca em sociedades de psicanálise, nos responsabilizarmos por esse quadro de exclusão e implementarmos ações antirracistas em nossas formações psicanalíticas é uma questão de ética. Trata-se de a instituição questionar-se sobre que tipo de psicanalistas pretende formar.

Temos tido seminários sobre o racismo desde 2022 na formação psicanalítica da SBPdePA. No





segundo semestre de 2025, criou-se um seminário sobre as produções de Virginia L. Bicudo e Isildinha B. Nogueira, autoras psicanalistas negras que sofreram do epistemicídio, pois suas teses de mestrado e doutorado ficaram por décadas silenciadas. Em sua dissertação de mestrado “Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo (1945/2010)³”, Virginia Bicudo comprovou o sofrimento pelo racismo de toda pessoa negra em nosso país, independentemente da classe social e do grau de instrução. Também pesquisou sobre as atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação à cor de seus colegas, constatando que os alunos negros eram os mais rejeitados⁴. Isildinha B. Nogueira defendeu sua tese de doutorado “A cor do inconsciente: significações do corpo negro” em 1998, sendo publicada apenas em 2021 por desinteresse de editoras sobre o tema.

Em abril de 2025, a Comissão Ubuntu organizou a apresentação e debate sobre o filme “Virgínia e Adelaide” (2023), com direção de Yasmin Thainá e Jorge Furtado. No mesmo mês, lançamos um novo Edital Público para duas bolsas, sendo selecionados dois postulantes.

A ocorrência cada vez mais frequente de emergências climáticas, como as enchentes no Rio Grande do Sul em 2024 e outras, levou à criação do Seminário Aberto “Desastres ambientais – medo e esperança” em junho de 2025, em parceria da Comissão Ubuntu com o Instituto de Psicanálise da SBPdePA.

Representantes da Comissão Ubuntu e Membros do Instituto pelo Projeto Ubuntu estiveram participando de mesas no 5º Congresso de Psicanálise de Língua Portuguesa (CPLP), com o tema “Escravidão e liberdade: travessias do corpo e alma” (Salvador, abril/2023); no 35º Congresso FEPAL, com o tema “Intolerância, fanatismo e realidade psíquica” (Rio de Janeiro, outubro/2024); na Jornada da SBPdePA sobre a “Metapsicologia do trauma” (Porto Alegre, agosto/2025); na Jornada da SBPRJ sobre “Psicanálise e ações afirmativas” (Rio de Janeiro, setembro/2025); no evento da SBPSP “Sociedade conversa – políticas de ações afirmativas na formação psicanalítica” (São Paulo, setembro/2025); e no 30º Congresso Brasileiro de Psicanálise da FEBRAPS (Gramado, outubro/2025).

A Comissão Ubuntu foi convidada a escrever um capítulo no livro *O antirracismo escrevendo histórias no movimento psicanalítico. A força transformadora dos coletivos*, com organização de Ignácio A. Paim Filho, Larissa B. Ulrich e outros, com lançamento previsto para novembro de 2025.

Compõem atualmente a Comissão Ubuntu: Ane M. Port Rodrigues, Beatriz S. Behs, Camila Reinert, Christiane V. Paixão, Eliane G. F. Nogueira, Ignácio A. Paim Filho, Carolina Freitas, Evelise B. Braga, Juliana L. Lima, Luciana S. Schmal, Renata Manica, Sandra Fagundes e Vera E. Hartmann. À valorosa e dedicada Comissão, nossos agradecimentos.

Agradecemos às Diretorias da SBPdePA, do Instituto de Psicanálise, da Associação dos Membros do Instituto (AMI) e a todos os apoiadores do Projeto Ubuntu por tornarem as ações afirmativas uma realidade em nossa sociedade e aos postulantes que apostam em nosso projeto.

Não deixar a chama apagar implica que cada nova geração de psicanalistas leve adiante as conquistas de gerações anteriores na construção de uma psicanálise brasileira, latino-americana, decolonizada, antirracista e com equidade de oportunidades para a formação psicanalítica. Que a chama nos chame e não se apague!

(Ane Marlise Port Rodrigues, Coordenadora da Comissão Ubuntu)



¹CARNEIRO, C.; FRAUSINO, C. C. M.; AMENDOEIRA, P. (2021). Analistas criam Grupos de Pesquisa em Psicanálise e Equidade Racial. *Boletim Informativo da Sociedade de Psicanálise de Brasília*, ano XXIV, n. 1, p. 1-2.

² IBGE, 2024. Disponível em: www.ibge.gov.br

³ BICUDO, V. L. (2010). Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo. In: MAIO, M. C. M. (org.). *Sociologia e Política*. (Trabalho original publicado em 1945).

⁴ BICUDO, V. L. (1955). Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor dos seus colegas. In: BASTIDE, R.; FERNANDES, F. (orgs.). *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo: Ed. Anhembi/Unesco.

Lançamentos

Sessão de autógrafos ocorre dia 13 de novembro na sede da SBPdePA

Prints da Adolescência: A Construção Subjetiva do Adolescente

Este é o título do livro organizado pela fértil parceria entre a Brasileira e a editora Blucher. Vou sintetizar a interessante história desse projeto, tratando de resgatar a essência da sua criação, objetivos e inspirações. Em 2023, nosso Espaço de Transmissão da Psicanálise, comissão ligada à Diretoria de Comunidade e Cultura, lançou o curso "*Prints da adolescência na contemporaneidade: uma atualização psicanalítica*". Seu programa tão abarcador do fenômeno adolescente animou também uma dimensão escrita, que plasmasse, de forma ainda mais profunda, o mosaico de visões, dentro do campo psicanalítico, que dá o desenho singular da posição subjetiva da comunidade adolescente contemporânea em sua inserção cultural e temporal.

Daí a escolha do termo *prints*, vocábulo inglês, usado sobretudo pelos adolescentes, para referir-se à captura da imagem da tela do celular. Assim, no programa do curso e nesta publicação que organiza aquele diálogo vivo em forma de textos, buscamos "printar" a adolescência por meio do olhar da psicanálise. A pergunta que perpassa a obra é como trilha a subjetividade adolescente, inserida no contexto de imprevisibilidade, hiperconectividade, hipertecnologia e exaustão que caracteriza nossos tempos. Como se vê o adolescente ante os espelhos do inquietante mundo que habitamos? A ausência do contato humano, substituído pela máquina, determina

transformações nas ressignificações adolescentes. Subjetivação, identidades confusas, corpos mutantes, estranhamentos, violência e sofrimento psíquico são os *prints* que compõem a cartografia multifacetada da adolescência contemporânea que a publicação procura abordar.

A construção deste precioso projeto, em suas versões curso e livro, foi possível pelo esforço coletivo de um grupo de colegas que perpassou duas gestões administrativas da SBPdePA. Um agradecimento às duas presidentes que se sucederam no desenvolvimento da obra, Astrid Müller Ribeiro (2022-2023) e Patrícia Goldfeld (atual), às diretoras de Comunidade e Cultura, Vera Hartmann e Rosa Santoro Squeff, bem como às diretoras de Publicações, Sandra Bertoldi e Katya de Azevedo Araújo, que empreenderam a profícua parceria com a editora Blucher. Nosso agradecimento à editora Blucher por acreditar em nosso projeto e a todos os professores e autores que deram vida ao curso e ao livro.

Estão todos convidados para o lançamento da obra durante o congresso da FEBRAPS em Gramado e para a sessão de autógrafos na Feira do Livro, em 1º de novembro, às 18h.

(Helena Surreaux, membro titular didata da SBPdePA)

Cidades Alagadas, Mentis Inundadas

No final de abril de 2024, uma chuva volumosa, de longa duração, dificultou o escoamento de água, gerou inundações e atingiu muitas cidades que compõem o Estado do Rio Grande do Sul. O transbordamento dos rios alcançou número significativo de municípios, bloqueando estradas e acessos entre diferentes regiões, devido ao rompimento de barragens e, sobretudo, arrastando consigo uma infinidade de residências, causando destruição e mortes.

Quando muitos ainda não estavam recuperados da epidemia da covid-19, uma nova situação disruptiva colocou a prova a natureza humana do povo rio-grandense, dessa vez causada pelas forças de um fenômeno natural, por decorrência de um ciclone extratropical. Vimo-nos entre duas naturezas que, ao não serem equânimes, não poderiam entrar em combate.

Decorrente dessa catástrofe, que atingiu a todos,

direta ou indiretamente, seja porque não tínhamos luz, água, seja porque muitos colegas se viram ilhados, bem como nossos colaboradores, a Brasileira, enquanto uma sociedade que é também engajada em projetos sociais, viu-se comprometida.

Através de uma ação emergencial, buscou acolher as mais diversas demandas, com um programa de assistência individual ou nos abrigos, rapidamente organizados para receber os que eram resgatados da enchente. Para essa ação que atingiu a comunidade, contamos com o apoio e participação de colegas, que se estendeu para muitas sociedades componentes da IPA, capitaneando profissionais para atendimentos, reuniões clínicas e supervisões coletivas.

Apesar do trauma recente, ainda em processo de elaboração, a SBPdePA encontrou, na produção desse livro, uma forma de deixar registrada a experiência pela



qual seus autores se viram afetados, trazendo vivências individuais por meio dos atendimentos realizados, encontrando alguma compreensão psicanalítica nas contingências enfrentadas, refletindo na concepção do trauma à luz do desastre climático. Sobretudo, da capacidade resiliente através da qual, cada um, individualmente, pode atravessar esse período e cruzar os obstáculos da imperiosa força das águas que deixou seus rastros.

Esse livro é, portanto, produto da força e generosidade de muitos que se debruçaram para dar

sentido ao vivido e colaborar no conhecimento de um tema com pouca bibliografia. Foi organizado pela SBPdePA, sob a batuta de Patricia Rivoire Menelli Goldfeld e Katya de Azevedo Araújo, publicado pela Blucher. Será lançado no próximo Congresso da FEBRAPSI, a ser realizado de 22 a 25 de outubro em Gramado e na Feira do Livro de Porto Alegre, em 1º de novembro, às 18h. Estão todos convidados!

(Augusta Gerchmann, membro titular com função didática da SBPdePA)

Sobre o 30º Congresso Brasileiro de Psicanálise

A nossa Sociedade em conjunto com a SPPA, a SPPEL e o GEP–Florianópolis compõem as federadas que sediarão a organização do 30º Congresso Brasileiro de Psicanálise. Este importante evento será realizado na cidade de Gramado nos dias 22, 23, 24 e 25 de outubro deste ano. O compromisso firmado com a FEBRAPSI para a realização desse grande evento nacional já pode ser considerado um sucesso, refletido no expressivo número de mais de 1.600 inscritos até o momento. Nossa Sociedade também terá uma expressiva participação na apresentação de trabalhos, cursos, composição de mesas, batendo o recorde de participações. São 60 participações da SBPdePA, sendo 51 nas atividades extra curso e 9 cursos.

Engajamento nos comitês locais

Destaca-se também a mobilização de diversos colegas que atuam em diferentes comitês locais, entre eles os comitês Social, Cultural e de Divulgação. Esse envolvimento coletivo tem sido fundamental para o êxito da organização e promoção do congresso.

Queremos expressar nosso agradecimento especial pela disponibilidade e dedicação das colegas Janine Severo (Diretora Científica), Luciana Schmal, Vlândia Shmidt, Heloísa Zimmermann, Siana Cerri e Denise Zimpek (coordenadora da Comissão de Divulgação).

(Denise Zimpek, vice-presidente)

Grupo de estudos IPSO SUL

Após longa trajetória de estudos em psicossomática, em nossa Sociedade, foi lançado em 3 de outubro o Grupo de Estudos em Psicossomática Psicanalítica IPSO SUL, na sede da SBPdePA.

O grupo será coordenado pelas colegas Ana Paula Terra Machado, Jussara Lerrer e Patricia Rivoire Menelli Goldfeld, experientes no estudo do tema.

Elas realizam formação no IPSO PARIS. O nome IPSO SUL foi definido na reunião de lançamento do IPSO BRASIL, ocorrida em 26 de outubro, no Rio de Janeiro, com a presença das três colegas coordenadoras.

Estamos muito felizes. Consideramos uma honra sermos uma referência no Sul para o estudo da Escola de Paris, para além do eixo Rio-São Paulo.

Movimentações do segundo semestre

Ingressos como membros do Instituto: Andréa Zelmanowicz, Karen Pimentel Bittencourt e Rosana Rossato

Quem passou a Membro Titular: Katya de Azevedo Araújo, Paula Esteves Daudt Sarmiento Leite, Renata de Carvalho Britto Dose e Vera Elisabeth Hartmann.

Participação na Comissão de Transmissão da Psicanálise da FEPAL

A representação junto à Comissão de Transmissão da Psicanálise da FEPAL tem se mostrado relevante para a Sociedade Brasileira, especialmente por promover encontros interinstitucionais latino-americanos. Esses eventos visam a debater criteriosamente os processos de ingresso de novos membros nos Institutos, possibilitando uma rica troca de informações sobre esse tema fundamental.

As reuniões contam com a participação de quatro Sociedades representadas pelos respectivos diretores dos Institutos, entre eles Vera Mello, além de membros em formação, como Alessandra Guedes,

que representou a AMI. A diversidade de perspectivas favorece discussões aprofundadas e construtivas sobre os critérios de admissão e os desafios enfrentados pelas instituições.

Certamente a participação nesses encontros proporciona aprendizados e retornos significativos para o desenvolvimento do nosso Instituto, fortalecendo a integração e o aprimoramento dos processos internos de transmissão da psicanálise.

(Denise Zimpek, vice-presidente)

CAP: uma gestão produtiva

Com a proximidade do término desta gestão, iniciamos a avaliação do trabalho realizado, aproveitando a última edição do Jornal da Brasileira. Partimos de um projeto de trabalho, em consonância com o Regulamento CAP, que intermedeia o atendimento psicanalítico, realizado por membros da SBPdePA em formação, encaminhando as pessoas que buscavam tratamento, principalmente àqueles que necessitavam de material clínico para supervisão.

Cuidamos de manter contato ativo e continuado com os membros do CAP e da Coordenação usando grupos de WhatsApp e, deste modo, criamos três grupos: o grupo de todos os participantes do CAP, o da coordenação e o que nos vinculava à secretaria da sociedade. Os novos membros da Brasileira foram convidados a se integrar, o que é indispensável à continuidade do CAP. Verificamos um aumento do número de participantes e uma participação crescente e espontânea nas reuniões. Ao findar a gestão, temos 21 pessoas ativas – disponíveis para receber pacientes.

Afora os contatos frequentes realizados nos grupos descritos acima, instituímos reuniões mensais em

dias convenientes a fim de favorecer a participação de um maior número de pessoas, inclusive aquelas que residiam em outras cidades. Uma vez por mês, ao longo dos dois anos, realizamos reuniões híbridas usando o Zoom, com o predomínio de reuniões online, onde discutimos questões administrativas – primeira parte – referentes aos encaminhamentos e, na sequência – 2ª parte –, um colega apresentava um caso clínico que era comentado por um analista experiente convidado.

O material clínico era cuidadosamente escrito e os apresentadores preservaram o indispensável sigilo e a identidade dos pacientes. O Diretor do CAP encaminhava o material clínico ao comentarista, assegurando a liberdade de escrita e apresentação do autor, bem como a do comentarista. Avaliando as reuniões clínicas, através dos comentários escritos pós-reunião, verificamos que todos – apresentador, comentarista e demais presentes – manifestaram satisfação de participar e contribuir com as discussões.

Aprendemos muito ao longo desses encontros. Uma das constatações foi a de que a população que nos procura é muito heterogênea, chamando



a atenção que boa parte tem escasso conhecimento do que seja psicanálise. Estávamos disponíveis para qualquer demanda de tratamento para todas as faixas etárias, tanto adultos quanto adolescentes e crianças. Predominaram os pacientes adultos do gênero feminino. Todas as procuras foram atendidas e aos pacientes lhes foi oferecida flexibilidade de horários e valores. Nem sempre os pacientes estavam motivados para tratamento psicanalítico de alta frequência. Assim, muitos tratamentos começaram com uma sessão semanal. Não dispomos de dados para avaliar a permanência, as interrupções e os abandonos de tratamento. Alguns tinham desejo de serem medicados ou receberem orientação, com motivação incerta para tratamento psicanalítico. Esse dado nos remeteu à importância e à oportunidade do CAP divulgar seus propósitos às pessoas mais dispostas e necessitadas de tratamento psicanalítico. Isso levou-nos a estabelecer, informalmente, contatos com professores e pessoas vinculadas a Universidades, disponibilizando a oferta do CAP, visando um público-alvo, clientela constituída por estudantes universitários e jovens. Realizamos um vídeo de divulgação, buscando atingir essa população. Quanto ao custo da sessão inicial, mantivemos o valor praticado em anos anteriores, preservando o preço acessível, embora no curso do trabalho o valor possa ser recombinação conforme acertos ulteriores da dupla. De um modo geral, nas discussões clínicas nos deparamos com casos graves, como transtorno do pânico, depressões severas, transtornos de estresse pós-traumático, transtornos identitários, psicossomáticos, entre outros. No quadro abaixo apresentamos um resumo das atividades:

Membros ativos do CAP:

21 (disponíveis para receber pacientes)

Encaminhamento de pacientes

- Ano 2024: 65
- Ano 2025: 42 (até julho)

Reuniões clínicas e administrativas

- Ano 2024: 10
- Ano 2025: 06 realizadas e 04 programadas até dezembro/25

Atividades/2025

27/03 – Reunião de boas-vindas, planejamento e elaboração do calendário
Coordenador: José Ricardo Pinto de Abreu

24/04 – Reunião Clínica
Apresentação: Rosa Dal Bó
Comentarista: Tamara Ferreira

28/05 – Reunião Clínica
Apresentadora: Ana Maltchik Lewin
Comentarista: Vera Mello
Coordenador: José Ricardo Pinto de Abreu

25/06 – Reunião Clínica
Apresentadora: Ana Elisa Hallberg
Comentarista: Janine Severo
Coordenador: José Ricardo Pinto de Abreu

31/07 – Reunião Clínica
Apresentadora: Mariana Hofmeister Wolf
Comentarista: Mara Loeni Horta Barbosa
Coordenador: José Ricardo Pinto de Abreu

20/08 – Reunião Clínica
Apresentadora: Luciana Asconavieta Ferraz
Comentarista: Silvia Katz
Coordenador: José Ricardo Pinto de Abreu

25/09 – Reunião Clínica
Apresentadora: Ana Lucia Figueiredo
Comentarista: Heloisa Zimmermann
Coordenador: José Ricardo Pinto de Abreu

29/10 – Reunião Clínica (aberta a todos os sócios SBPdePA)
Apresentadora: Alessandra Guedes de Araujo Dettmann
Comentarista: Ana Rosa Trachtenberg
Coordenador: José Ricardo Pinto de Abreu

27/11 – Reunião de Encerramento e avaliação
Coordenação: Diretor do CAP e Membros da Coordenação

18/12 – Reunião de transmissão de cargo ao novo Diretor do CAP (a ser confirmada)
Participação: Todos os membros do CAP

Finalizando, agradecemos a todos os que colaboraram, especialmente as coordenadoras (2025) na pessoa de Gabriela Morsch, Jeanete Sacchet, Ana Cristina Lewin, Mariana Hofmeister Wolf e Carolina Petrolí (licenciada), as secretárias da Brasileira: Esther, Helena e Micaela; bem como a todos os apresentadores, comentaristas (2025) e membros do CAP que participaram ativamente, discutindo e apresentando casos clínicos. O trabalho do CAP foi gratificante e poderá ser ampliado e enriquecido, o que certamente será o desafio da próxima gestão. Por último, temos que salientar que sempre encontramos apoio e colaboração da Diretoria da SBPdePA, do Instituto e da AMI. **(José Ricardo Pinto de Abreu, diretor do CAP)**

Diretoria de Publicações



Foram 2 anos de muita produção. Com a comissão editorial da Revista, composta por Adriana Ampessan, Aurinez Rospide Schmitz, Catherine Lapolli, Gabriela Rarsch, Susana Beck e Susana Chinazzo, elaboramos 4 revistas que tiveram as seguintes temáticas: Masoquismo, O traumático em cena, Sexualidade e Identificação. Ao mesmo tempo, produzimos também 4 edições do Jornal da Brasileira, com todo apoio da comissão representada por Fátima Fedrizzi, Jeanete Sacchet, Júlio Sperb e Nicole Campagnolo. Os temas foram: Preconceitos, Os impactos da tecnologia nos vínculos, Envelhecer e Inteligência Artificial.

Agradeço carinhosamente a todos os membros das comissões tanto da Revista quanto do Jornal que trabalharam com comprometimento e dedicação, proporcionando que estas edições fossem veículos de comunicação de muita qualidade e produção científica.

Também é importante ressaltar a publicação de dois livros durante esta gestão, como organizadora, junto com a Patrícia Goldfeld. São eles: *Prints da Adolescência* e *Cidades Alagadas, Mentes Inundadas*, ambos lançados pela editora Bluncher.

O lançamento oficial será no Congresso da Febrapsi com sessão de autógrafos; após, participaremos da Feira do Livro no dia 01/11, às 18h. No dia 13/11, às 19h30, faremos na sede da SBPdePA.

Espero que todos possam comparecer neste momento tão importante para nossa Sociedade!

Grata aos nossos colegas, leitores, colaboradores que de alguma forma contribuíram com minha gestão.

(Katya de Azevedo Araújo, diretora de Publicações)

Convite para a Festa de Final de Ano

Vem aí uma celebração especial para encerrarmos juntos mais um ciclo. É com grande alegria que convidamos você e acompanhante para a nossa tradicional Festa de Final de Ano, um momento especial de confraternização, celebração e reconhecimento.

Homenagem especial: durante a festa, faremos uma homenagem aos membros do Instituto que concluíram os seminários ao longo deste ano. Também se comemoram as mudanças de gestão da Diretoria e do Instituto.

Esta é uma excelente oportunidade para celebrarmos juntos as conquistas alcançadas e fortalecermos nossos laços de amizade e parceria. Pedimos a gentileza de confirmar sua presença até o dia 20 de novembro para que possamos organizar tudo com carinho e garantir uma noite inesquecível para todos. Contamos com a sua presença para tornar essa celebração ainda mais especial!



SBPdePA
Sociedade BRASILEIRA de
Psicanálise de Porto Alegre

**Confirme sua
presença até
o dia 20.11**

Quando:
5 de dezembro
de 2025, a partir
das 19h30

Onde:
Sociedade
Germânia,
com serviço
Duquez Eventos
e música de
Paulo Ciro
Fleck



Por que escolhi a Brasileira

Minha trans-formação psicanalítica na SBPdePA

Felipe dos Santos Paz

Psiquiatra e membro do Instituto da SBPdePA



Em julho de 2023, durante breve período de férias, candidatei-me ao ingresso na formação psicanalítica da SBPdePA. Acredito que tenha sido uma das decisões mais assertivas que tive na vida. Foram alguns anos construindo esse desejo. Passei, então, a participar das atividades abertas para não membros na instituição. Em março de 2025, ingressei na formação analítica e, como tenho dito aos colegas, sinto-me em “lua de mel com a Brasileira”. Embora saiba que nenhuma instituição deva ser idealizada, o que tenho vivenciado até o momento tem sido de enorme enriquecimento pessoal e profissional.

Minha trajetória psicanalítica iniciou no ano de 2008, na residência em psiquiatria da Fundação Universitária Mário Martins, na qual entrei em contato com a teoria e com a técnica psicanalítica substancialmente integradas à formação psiquiátrica. A partir disso, reconheço que a descoberta freudiana marca definitivamente a minha escuta e a minha percepção da vida subjetiva.

Arelada à formação médica, continuei dedicando, em minha vida, espaço importante à música, a qual considero preponderante na constituição da perspectiva do trágico na experiência da subjetividade e da ética do inconsciente, contribuindo de maneira incisiva para a desconstrução do “Simão Bacamarte” que habita em mim, evitando, assim, possíveis riscos que, por vezes, permeiam alguns psiquiatras que ignoram as contribuições da teoria psicanalítica e tendem a repetir o roteiro transcorrido pelo conto *O Alienista* de Machado de Assis.

Profundamente afetado pela teoria freudiana, construo meu percurso de trabalho participando de outros espaços de transmissão da psicanálise. Sigo estudando, supervisionando casos da clínica particular, sustentando um devir-sujeito na minha escuta. Fundei, em 2015, em conjunto com outros psicanalistas, o Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (Ebepoa), espaço orientado eticamente pela

horizontalidade nas relações institucionais e pela constituição de grupos de trabalho que articulam o saber psicanalítico a outros campos do conhecimento na interlocução e produção de novos saberes a partir das trocas entre seus membros.

Sabendo que a formação segue pela vida toda do psicanalista, devendo este permanecer atento às transformações da contemporaneidade e, portanto, das produções de subjetividades de seu tempo, optei por seguir a formação. A escolha pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre ocorreu pelo acompanhamento de anos da trajetória de produção da instituição, perpassando os aprendizados angariados junto aos professores da Fundação Mário Martins e psicanalistas da Brasileira, que me inspiraram pessoal e profissionalmente, além de ter grandes amigos igualmente em formação.

Outro fator decisivo na escolha pela instituição foi a minha inserção através do Projeto Ubuntu, viabilizando a formação analítica por meio das ações afirmativas. O impacto social, cultural e transformador da própria instituição de formação de psicanálise, a partir da maior presença das pessoas pretas no espaço institucional, posiciona a SBPdePA na vanguarda da construção da psicanálise contemporânea no Brasil.

Pertencer ao grupo de psicanalistas membros do projeto, reconhecer e produzir psicanálise a partir da compreensão das particularidades dos estudos das relações étnico-raciais no espaço de formação analítica desfaz a operação de desmentida sociocultural que mantém os sujeitos aprisionados à lógica de subalternização das pessoas pretas na sociedade e também na escuta clínica desses sujeitos.

Logo, significa estar junto a outros colegas que se dedicam ao estudo teórico e prático, ao estímulo à produção textual, às trocas entre as demais instituições filiadas à IPA, à vivência institucional que possibilita o envolvimento no universo de trocas da psicanálise, ao aprendizado com os psicanalistas mais experientes e também com os mais jovens, à análise pessoal, às relações de afeto, às possibilidades de aprender com os conflitos inerentes às instituições, à construção de novos saberes e de avanços éticos.

Está sendo muito rica a experiência de pertencer à Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Saí do processo de formação, “trans-formado” pela vivência institucional, uma vez que o trabalho, a transmissão e as trocas na constituição de minha escuta psicanalítica seguirão pela vida afora.



SBP de PA

Sociedade BRASILEIRA de
Psicanálise de Porto Alegre